



O fetiche na cultura: desmentida (*Verleugnung*) estrutural ou patológica?*

Marli Bergel**, Porto Alegre

*Observa-se na cultura contemporânea uma tendência a elevar alguns objetos à condição de fetiches. A partir de um referencial psicanalítico, a autora busca compreender o que este fenômeno poderia estar representando. Inicia sua busca em Freud e segue com autores como Chasseguet-Smirgel, Green, Winnicott e outros para a compreensão do fenômeno do fetichismo, sua relação com as angústias de castração e/ou angústias mais primitivas, o uso do mecanismo de defesa da desmentida (*Verleugnung*). Traça uma relação com o objeto transicional de Winnicott, procurando diferenciar o uso transicional e o uso patológico dos objetos que a cultura oferece. A compreensão do mecanismo da desmentida ao longo do desenvolvimento da teoria psicanalítica foi se ampliando de forma que alguns autores fazem uma distinção entre uma desmentida patológica e uma desmentida estrutural. Quando os objetos são usados de forma criativa e a capacidade simbólica encontra-se preservada, estaria presente uma desmentida estruturante, enquanto que, quando elevamos um objeto ou atividade à condição de fetiche, teríamos uma desmentida patológica. A autora finaliza com uma reflexão a respeito da cultura atual perguntando-se em que medida esta favoreceria o uso patológico dos objetos.*

Descritores: Fetiche. Desmentida patológica. Desmentida estruturante. Repressão. Fenômenos transicionais.

* Trabalho apresentado em mesa redonda sobre o tema "Sociedade do fetiche ou fetiche socializado?" no XXII Congresso Brasileiro de Psicanálise no ano de 2009.

** Membro associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.



A psicanálise, ao longo de seu trajeto, foi progressivamente constatando a importância do objeto na estruturação do psiquismo do indivíduo. A escolha de temas ligados à cultura nos congressos de psicanálise expressa também a constatação de que, na constituição do psíquico, temos de levar em conta *o sujeito*, *o outro*, bem como *o contexto social*, pois os processos de identificação envolvem uma verdadeira constelação de imagens que refletem as estruturas sociais de onde emergem. E assim, uma das propostas de reflexão é “Sociedade do fetiche ou fetiche socializado?”.

Começo buscando na etimologia do termo *fetiche* um início de reflexão. O uso do termo fetiche vem de muito antes do sentido sexual utilizado no âmbito da psiquiatria. Sua origem provém da palavra da língua portuguesa *feitico*. Seu significado possui um caráter mágico-religioso. Representa um objeto animado ou inanimado, feito pelo homem ou produzido pela natureza, ao qual se atribui poder sobrenatural e se presta culto. Está carregado de propriedades mágicas que protegem o indivíduo da morte. Fetichismo seria o culto a estes objetos, que também podem funcionar como uma espécie de amuletos ou talismãs. (Romano, 1977)

O termo, hoje, também tem sido usado em sentido sociológico. Portanto, fetichização representaria o culto idolátrico a objetos materiais ou não materiais: automóveis, peças de vestuário, sexo, ideologias e outros. Vivemos em um mundo onde é bastante comum objetos serem elevados à condição de fetiches. Além dos já citados, o próprio corpo, belo, jovem, incansável tem sido objeto de culto. Êxitos desmedidos de toda ordem têm feito parte do ideal coletivo. Estamos diante de uma cultura acelerada (arco-reflexo) em detrimento do pensamento criativo e do vínculo solidário com os demais. Os vínculos de empatia e ternura vêm sendo substituídos por uma ditadura dos sentidos e uma voluptuosidade que não conhece limites.

Não saberia avaliar todas as razões para este fenômeno. Mas dentre elas poderia citar: estruturas familiares em que os papéis de mãe e pai têm sofrido mudanças significativas; avanços tecnológicos que oferecem, em ritmo vertiginoso, novos objetos; uma sociedade demasiadamente voltada para o consumo; valores e ideais sociais que vêm sofrendo profundos questionamentos; estímulo à ilusão de completude narcísica pelo ideal de ego coletivo; afrouxamento das regulamentações; a virtualidade das imagens entrando no lugar dos laços sociais; diluição de vínculos significativos, entre outras.

A partir desta introdução sigo minhas reflexões amparando-me na literatura psicanalítica, com a qual pretendo relacionar o fenômeno do fetiche na cultura



com o desenvolvimento do fetiche no indivíduo. Portanto será uma reflexão parcial, mas dentro daquilo a que me sinto habilitada, pois outras áreas do conhecimento teriam contribuições a fazer. Buscarei em Freud o respaldo para a compreensão do significado do fetiche, sua ligação com o mecanismo da desmentida (*Verleugnung*), para depois, a partir de outros autores, mostrar como este mecanismo não precisa necessariamente ter um efeito patológico, podendo ter um efeito estrutural quando relacionado a fenômenos transicionais. Após, pretendo fazer algumas relações com a cultura.

Fetiche: o mecanismo da desmentida (*Verleugnung*) e a angústia de castração

Freud (1927) aborda o mecanismo da *desmentida* (*Verleugnung*) como a principal defesa utilizada em casos de fetichismo, no qual ocorre uma cisão no ego. Refere que o fetiche representa uma conciliação de interesses entre duas correntes psíquicas. Relaciona o mesmo com a angústia de castração. O fetiche representaria, ao mesmo tempo, o reconhecimento e a desmentida da castração. Através dele o sujeito conserva a crença de que o fantasiado pênis materno existe.

Posteriormente, Freud (1938a, 1938b) amplia o conceito de cisão no ego estendendo-o a outras patologias além do fetichismo. Refere que a cisão está presente na psicose e inclusive nos casos de neurose. No desenvolvimento do indivíduo, frente a situações potencialmente traumáticas não apenas ligadas à angústia de castração, o sujeito sempre poderá responder apresentando duas reações contrárias. Uma parte do psiquismo leva em conta a realidade (livra-se das exigências pulsionais indesejáveis através de repressões) e outra desvia alguma exigência do mundo externo por considerá-la aflitiva através da desmentida das percepções da realidade. Duas correntes coexistem lado a lado no psíquico, e cria-se uma fenda, uma cisão no ego. No entanto, Freud assinala que defesas deste tipo revelam-se sempre meias medidas, tentativas incompletas de desligamento da realidade. A desmentida é sempre suplementada pelo reconhecimento. O desfecho do conflito dependerá de qual das duas correntes terá mais intensidade.

A ampliação do conceito da cisão e da desmentida para outras patologias abre caminho para estudos posteriores na psicanálise nos quais o fetiche não mais estaria ligado apenas à angústia de castração, mas também a angústias mais primitivas. Provavelmente os descobrimentos kleinianos também contribuíram para tal.



Angústias mais primitivas na gênese do fetiche

Em uma revisão sobre o tema do fetichismo, Chasseguet-Smirgel (1991) faz uma relação de alguns autores que trouxeram para primeiro plano a angústia de separação na gênese do fetichismo, entre eles Glover, 1933, Balint, 1935, Silvia Payne, 1939, Wulff, 1946, Gillespie, 1952, Bak, 1953, Greenacre, 1953, Philip Weissman, 1957, Socarides, 1960, Melitta Sperling, 1963, Parkin, 1963. Segundo Chasseguet-Smirgel, para estes autores o fetiche teria relação com a dificuldade na elaboração do luto pelo seio perdido da mãe. Alguns dentre estes consideram, na origem do fetiche, além de uma fixação oral, também uma fixação anal.

Chasseguet-Smirgel (1991) chama a atenção para a fixação anal na origem do fetiche. Para ela, o fetiche representaria o falo anal (bastão fecal) que desmente os poderes genitais do pai e transforma as diferenças, homogeneizando-as através da analidade.

A sobredeterminação do significado do fetiche

Pessoalmente, fico inclinada a uma concepção do fetiche como possuidor de significados sobredeterminados, em que procuro articular a angústia de separação à angústia de castração, compreendendo o fetiche como o representante de todos os objetos parciais perdidos ao longo do desenvolvimento.

Concordo com Chasseguet-Smirgel (1991) quando refere que, graças ao fetiche, todos os elementos de separação do filho em relação à sua mãe enquanto objeto primário e objeto edípico condensam-se e encontram-se numa relação de continuidade. Assim, ele funciona como uma espécie de varinha mágica cuja presença basta para modificar a realidade. Desta forma, a perda, a castração, o sentimento de impotência e a morte não mais existem. Ou seja, ele permite ao indivíduo restabelecer a união com a mãe, mas também separar-se dela, de acordo com sua própria vontade e, assim, dominar qualquer perda. Desta forma, quando a decepção acontece, a psique não terá a capacidade de administrá-la através do pensamento, mas procurará restaurar a ilusão por um método de ação mágica (*feitiço-fetiche*).

Observamos esta tendência nos pacientes da atualidade: adictos a comida, internet, televisão, drogas, vestuário, aparelhos eletrônicos, enfim, objetos-fetiche que ludibriam a castração no seu sentido amplo, podendo representar ora algo mais próximo da angústia de perda do objeto, ora da angústia de castração.



No entanto, como Freud (1919) salientou, a defesa é sempre uma meia medida. Nesse sentido, podemos ligar o fetiche ao fenômeno do “duplo”: se o fetiche, em sua origem, (*feitiço*) representa uma enérgica desmentida do poder da morte-castração, é ao mesmo tempo anunciador da mesma, podendo converter-se em objeto de terror.

O objeto transicional de Winnicott

Que relação teria o objeto fetiche com o conceito de objeto transicional de Winnicott? Winnicott (1951) conceitua objeto transicional como aquele que, no desenvolvimento da criança, representa a primeira posse *Não-Eu*. Introduz as expressões ‘objeto transicional’ e ‘fenômeno transicional’ para designar a área intermediária da experiência entre o subjetivo e o que é objetivamente percebido. Para o autor, os fenômenos transicionais representam os primeiros estágios do uso da ilusão.

Neste caso, o objeto transicional é o representante da união mãe/criança, constituindo o primeiro elo no caminho da simbolização do adulto. Abre caminho para as substituições simbólicas que delimitam um terceiro espaço: o da vida imaginária, do fantasiar adulto.

O autor, assim como Freud (1924), considera que a ilusão é inerente ao ser humano e não há resolução possível para ela. Nenhum indivíduo, afirma ele, está livre da tensão de relacionar a realidade interna à realidade externa. O alívio para essa tensão é proporcionado pela área intermediária de experiências como a arte, a religião, o trabalho científico criativo.

Winnicott (1951) distingue o objeto transicional do objeto fetiche. Argumenta que o primeiro faz parte do desenvolvimento normal da criança e o segundo tem um caráter patológico. Apesar de não concordar em ampliar o termo fetiche para cobrir fenômenos não patológicos como os que descreve, acredita que o estudo do uso que o bebê faz do objeto transicional pode lançar luz sobre a origem do objeto fetiche. Crê que patologias como adição, fetichismo, pseudologia fantástica e furto podem ter alguma ligação com problemas no campo da transicionalidade. Depreendo, a partir de Winnicott, que o objeto fetiche não teria atingido o “status” de objeto transicional por um fracasso da transicionalidade, ficando o sujeito prejudicado em sua capacidade simbólica.



Desmentida patológica e desmentida estrutural

A partir da constatação de Freud (1938a, 1938b) de que o mecanismo da desmentida de alguma maneira está presente no psiquismo de todos os indivíduos, alguns autores contemporâneos procuraram traçar uma distinção entre uma desmentida estrutural e uma desmentida patológica.

Green (2006) refere que, com a ampliação do alcance da cisão do ego, podemos conectá-la tanto com a organização de uma fobia quanto com a área intermediária dos fenômenos transicionais descrita por Winnicott. Assim, Green sugere que o mecanismo da desmentida está presente também nos fenômenos transicionais, no entanto sem que haja prejuízo no desenvolvimento da capacidade simbólica e do pensamento. Presente, portanto, no *mundo da fantasia* ao qual se referiu Freud, *ilusão* inerente ao ser humano como apontou Winnicott, aquela “área que, ao instaurar-se o princípio da realidade, foi apartada do mundo externo real e desde então ‘poupada’ das duras exigências impostas pelas necessidades da vida” (Freud, 1924). Nesta *ilusão* estaria contida uma desmentida estrutural.

Marucco (2000) também compreende que o mecanismo da desmentida foi adquirindo, progressivamente, um caráter estruturante do aparelho psíquico na obra de Freud. No caso do fetiche patológico há uma materialização em um objeto que estreita os caminhos da sexualidade e reduz as possibilidades de sublimação. Este autor propõe o conceito de “fetiche virtual” quando se trata de fazer uso de uma desmentida estruturante, necessária para a sustentação da fantasia. Apesar de, no fetiche virtual, também ocorrer um “certo” triunfo da pulsão sobre a castração, esta seria estruturante de um modo de funcionamento psíquico acorde com uma cisão que irá determinar não apenas a eleição de um objeto amoroso que possibilita a satisfação sexual, mas também as condições do amor e a potencialidade da criação. Sendo assim, o autor argumenta que este “fetiche virtual” não apenas deverá ser respeitado e sustentado, senão que deverá ter a possibilidade de ser recriado no vínculo analítico.

Zak de Goldstein (2000) propõe o termo “fetiche detonador” quando um objeto mediatiza a fantasia sexual e dá lugar ao comportamento sexual e à instintivação do campo da relação propiciadora do coito. Diferente do “fetiche perverso”, que, segundo a autora, ocupa o centro da cena imaginária e, em realidade, impede a instintivação do campo e coexiste com uma personalidade de estrutura perversa. Conforme esta autora, quando ocorre uma patologização da transicionalidade algum objeto da série transicional será tomado como esse “algo” e transformado em objeto consolo, fetichizável (coisa-suporte).

Igualmente, Casas de Pereda (1999) aborda a desmentida como um



mecanismo consubstancial à estruturação psíquica, pois desde o princípio da vida está presente. Segundo esta, o protótipo da desmentida estaria na alucinação do bebê com o peito materno quando este não está presente. Mais tarde, no desenvolvimento da criança, o objeto transicional também vem desmentir a ausência da mãe. O mesmo ocorre um tempo depois, quando a criança cria o companheiro imaginário. Mais adiante, a ausência do pênis da mãe é desmentida no fantasma fálico das teorias sexuais infantis.

A desmentida estrutural seria uma das respostas mais imediatas do aparelho psíquico para resolver o desamparo estrutural dos começos da vida psíquica; imaginar, fantasiar ou alucinar que se tem aquilo que não se tem.

Casas de Pereda (1999) destaca a importância de uma mãe suficientemente boa, que irá se oferecer para jogar com a criança o jogo dialético da presença-ausência e, assim, permitir que essa simbolize a ausência daquela. A mãe, no momento em que brinca, oferece objetos (ursinho, fraldinha, etc.) e conta histórias para seu bebê, ajuda-o a lidar com sua ausência. Neste sentido, ela respeita e propõe, inclusive, a desmentida como defesa para lidar com a falta e, desta maneira, habilita seu filho no caminho da simbolização. “Nesta dimensão de ilusão e engano, a mãe também diz a verdade, pois os contos estão cheios da mesma argamassa dos mitos na história do homem”.

De acordo com a mesma, as mães simbióticas ou indiferentes não sabem jogar com a ausência, dificultando o caminho da simbolização. E déficits de simbolização deixam o sujeito exposto à necessidade incontrovertível do objeto (fracasso da substituição), voltando uma ou outra vez para os objetos de necessidade, o que abre a porta para o uso perverso do objeto.

Em seu desenvolvimento, além de lidar com a ausência do outro, a criança deve lidar com a ausência do imaginado pênis materno. Surgem então teorias sexuais infantis que desmentem a diferença entre os sexos (“está pequeno, ainda vai crescer”; “está escondido lá dentro”; “foi cortado”), momento necessário no desenvolvimento da criança até conseguir aceitar a realidade. Deve-se ter em conta esse tempo de desmentida para que o exercício do “não” da repressão adquira força progressiva. Ou seja, da saída da desmentida depende a eficácia da repressão.

A constituição do indivíduo se dá a partir de um interjogo entre a desmentida e a repressão. Entre a ausência desmentida e os desejos reprimidos joga-se a vida psíquica, perda e proibição entrelaçadas. Desmentida da ausência do outro e desmentida da ausência do pênis materno são inseparáveis (Casas de Pereda, 1999).

A persistência da desmentida da ausência dificulta todo trabalho de separação, fundamental em toda simbolização. O efeito será o predomínio do ato



sobre a palavra. A persistência da desmentida da castração obstaculiza o trabalho da repressão, com enfraquecimento da função paterna. As moções incestuosas não ficam demarcadas, emergindo primazias fálico-narcisistas, com a consecutiva debilidade das diferenças, limites e normas.

Remeto-me então à cultura hoje. Estariam os pais ausentando-se por demais de seus lares, dificultando o jogo dialético presença-ausência e, neste contexto, não habilitando seus filhos a lidar com a ausência? Pouco disponíveis para brincar e contar histórias, dificultando, deste modo, o processo de simbolização? As crianças ver-se-iam, assim, à mercê de objetos (amuletos) oferecidos pela cultura para preencher um vazio, numa tentativa falha de lidar com a ausência? Objetos calmantes (fetiche) que não constituem um “espaço potencial” adequado para desenvolver a atividade subjetiva e criadora?

O simbólico cria-se sobre o fundo da ausência, mas somente se também houver presença, e presença significativa. Tanto a realidade do objeto como seu valor simbólico são importantes, pois é a presença e ausência da mãe que precisa ser representada. Se a criança ainda precisa da presença concreta (e afetiva) da mãe, esta presença tem de se repetir inúmeras vezes para que possa ser simbolizada, pois é no jogo dialético da presença-ausência que se processa a simbolização.

O sujeito e a cultura, objetos-fetiche e sua relação com a desmentida

Vivemos atualmente num mundo de mudanças tão vertiginosas que chegam a nos desconcertar. Intensas transformações tecnológicas e culturais vêm promovendo alterações nos modos de organização social e familiar, as quais afetam as identificações e o ideal de ego coletivo. Se, por um lado, estas transformações nos trazem enormes benefícios, sendo inclusive resultado do desenvolvimento do ser humano, também ativam nossas ilusões.

A todo momento são oferecidos novos objetos para consumirmos, e os meios de comunicação tratam de encontrar as melhores fórmulas para vender estes produtos que funcionam como o “canto da sereia” ao nos seduzirem com promessas de felicidade, sucesso, reconhecimento, enfim, questões ligadas ao nosso narcisismo, nossa autoestima. O marketing rapidamente capta a tendência do ser humano em desmentir sua incompletude.

Como referi anteriormente, em nosso desenvolvimento precisamos lidar com alguns traumatismos: alteridade, a diferença entre os sexos e as gerações, bem como a morte. Uma corrente de nosso psíquico sabe disso, outra não quer saber. Essas duas correntes psíquicas nos acompanham, podendo nosso ego



encontrar-se mais ou menos cindido, afinal o psíquico se constitui neste interjogo entre desmentida e repressão.

Sendo assim, pode-se dizer que, nas produções e desejos do indivíduo, sempre está presente alguma fetichização, na medida em que a fantasia e a ilusão são inerentes ao ser humano. Os anseios narcísicos e edípicos, ligados ao antigo desejo de união com o objeto primário, não se desvanecem, seguem no inconsciente sempre na expectativa de serem satisfeitos. Ao mesmo tempo que, paradoxalmente, estes desejos motivam o indivíduo a produções as mais incríveis (aqui entram os avanços tecnológicos, além de outros), também podem conduzi-lo a escamotear a evolução e esquivar-se da realidade.

Se a corrente da aceitação da realidade predomina, os objetos serão utilizados de forma criativa, reflexiva e transformadora na medida em que possibilitam o vínculo com as pessoas enquanto objetos totais (pulsão de vida, função objetualizante). Estamos aqui mais próximos dos conceitos de fenômenos transicionais – constituição de um espaço potencial (Winnicott, 1951), de fetiches virtuais (Marucco, 2000) ou fetiches detonadores (Zak de Goldstein, 2000).

No entanto, se estes objetos passam a representar fetiches patológicos, “coisa-suporte” (Zak de Goldstein, 2000), com estreitamento dos caminhos da sexualidade, dos vínculos e da sublimação, pode-se dizer que se faz um uso perverso dos objetos (pulsão de morte-função desobjetualizante). A corrente que predomina neste caso é a da não aceitação da realidade. Quanto mais domínio da desmentida patológica, mais cisão no ego, mais fuga da realidade, menos intervenção do simbólico e, assim, mais os objetos serão elevados à condição de fetiches com conotação patológica.

Assim como o sujeito, também a cultura se estrutura de maneira cindida, portanto coexistem nela as duas correntes psíquicas. Há momentos na cultura em que predomina a corrente da desmentida e outros em que predomina a da repressão. Quando o ideal social potencializa o “demoníaco atrativo da completude” (Rocca, 2000), há menos tolerância para com a castração. No interjogo entre desmentida e repressão, a desmentida toma a dianteira, dificultando os processos de pensamento e dando vazão ao ato em detrimento da palavra.

Se o indivíduo necessitar demasiadamente do ideal social como objeto narcísico para se espelhar, e este estimular por demais a ilusão de completude, maior será o domínio da desmentida patológica e maior sua sujeição ao olhar inquisidor da ordem cultural. Déficits de simbolização deixam o sujeito exposto à necessidade premente do objeto, a quem será prestado culto idolátrico.

Já quando a cultura exerce o papel de um terceiro que promove a exogamia (domínio do pai simbólico sobre o imaginário), a resolução da conflitiva edípica





Marli Bergel

e o reconhecimento da castração, maior a probabilidade de o indivíduo se apoiar apenas numa desmentida estrutural. Esta, necessária para que não se extinga a pulsão (Marucco, 2000), para que o sujeito siga, através de suas produções culturais e encontros amorosos, conseguindo manter uma “certa ilusão” que impulsiona à vida. Pois, como Freud (1905) concluiu, o encontro de um objeto é sempre um reencontro. □

Abstract

Fetish in culture: structural or pathological denial (*Verleugnung*)?

It is observed in contemporary culture a tendency to raise some objects to the fetish condition. From a psychoanalytic reference, the author tries to understand what this phenomenon could be representing. She begins her search in Freud, followed by authors like Chasseguet-Smirgel, Green, Winnicott and others for the understanding of the fetish phenomenon, its relation with the anguish of castration and/or very primitive anguishes, the use of the defense mechanism of denial (*Verleugnung*). She traces a relation with Winnicott's transitional object, trying to distinguish the transitional use and the pathologic use of the objects that culture provides. The understanding of the denial mechanism along the psychoanalytic theory development began to expand in a way that some authors make a distinction between a pathologic denial and a structural denial. When the objects are used in a creative way and the symbolic capacity is preserved, a structuring denial would be present, however, when we raise an object or activity to the fetish condition, we would have a pathologic denial. The author concludes with a reflection on the current culture, questioning in which measure this would favor the pathologic use of objects.

Keywords: Fetish. Pathologic denial. Structuring denial. Repression. Transitional phenomenon.

Resumen

El fetiche en la cultura: desmentida (*Verleugnung*) estructural o patológica?

Se observa en la cultura contemporánea una tendencia a elevar algunos objetos a la condición de fetiches. A partir de un referencial psicoanalítico, la autora busca comprender que estaría representando este fenómeno. Inicia su búsqueda en Freud



y sigue con autores como Chasseguet-Smirgel, Green, Winnicott y otros para la comprensión del fenómeno del fetichismo, su relación con las angustias de castración y/o angustias más primitivas, el uso del mecanismo de defensa de la desmentida (*Verleugnung*). Traza una relación con el objeto transicional de Winnicott, buscando diferenciar el uso transicional y el uso patológico de los objetos que ofrece la cultura. La comprensión del mecanismo de la desmentida a lo largo del desarrollo de la teoría psicoanalítica se fue ampliando de forma que algunos autores hacen una distinción entre una desmentida patológica y una desmentida estrutural. Cuando los objetos se usan de forma creativa y la capacidad simbólica se encuentra preservada, estaría presente una desmentida estruturante, mientras que, cuando elevamos un objeto o actividad a la condición de fetiche, tendríamos una desmentida patológica. La autora finaliza con una reflexión acerca de la cultura actual preguntándose en qué medida esta favorecería el uso patológico de los objetos.

Palabras llave: Fetiche. Desmentida patológica. Desmentida estruturante. Represión. Fenómenos transicionales.

Referências

- CASAS DE PEREDA, M. (1999). *En el camino de la simbolización: producción del sujeto psíquico*. Buenos Aires: Paidós.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. (1991). *Ética e estética da perversão*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- FREUD, S. (1905). Três ensaios para uma teoria sobre a sexualidade. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 7, Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- _____. (1919). O estranho In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 17, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1924). A perda da realidade na neurose e na psicose. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 19, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1927). O fetichismo. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 21, Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1938a) Esboço de psicanálise. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 23, Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. (1938b) A cisão do ego nos processos de defesa. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 23, Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- ZAK DE GOLDSTEIN, R. Z. (2000). *Erótica: um estudo psicanalítico da sexualidade feminina*. Porto Alegre: Criação Humana.
- GREEN, A. (2006). *El trabajo de lo negativo*. Buenos Aires: Amorrortu.
- MARUCCO, N. (2000). El placer en la fantasía y en la realidad. *Revista de Psicoanálisis*, v. 57, n. 1. Buenos Aires: APA.
- ROCCA, E. G. de. (2000). A psicanálise na sociedade pós-moderna. *Rev. de Psicanálise da SPPA*. v. 7, n. 1. Porto Alegre.



Marli Bergel

ROMANO, E. (1977). O conceito de objeto fetiche: sua sistematização. In: BARANGER, W. e colaboradores *Contribuições ao Conceito de Objeto em Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

WINNICOTT, D. W. (1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

Recebido em 28/07/2011

Aceito em 26/12/2011

Revisão técnica de **Eneida Iankilevich**

Marli Bergel

Rua Mostardeiro, 5/ 902

90430-001 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: marlibergel@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA